



revista cristã
última chamada



Mateus 25 e o Grande Julgamento

Incluindo comentário explicativo
sobre a Parábola das Dez Virgens

César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Mateus 25 e o Grande Julgamento

*Incluindo comentário explicativo
sobre a parábola das dez virgens*

César Francisco Raymundo

- Revista Cristã Última Chamada -
- Edição Especial Nº 024 -

Capa: imagens da internet.



revista cristã
última chamada

Periódico *Revista Cristã Última Chamada*, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina - Paraná

Abril de 2016

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Índice

Sobre o Autor	06
Apresentação	07
As parábolas	09
• A parábola das dez virgens	11
• A parábola dos talentos	19
O grande Julgamento	19
• Todas as nações serão reunidas em sua presença	19
• Vinde, benditos de meu Pai!	22
• As obras dos justos e a resposta do Rei	27
• Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno	27
• O castigo eterno e a vida eterna	28
Conclusão	29
Bibliografia	30
Obras importantes para pesquisa	31

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Apresentação

No e-book anterior a este cujo título é *“Mateus 24 e a vinda de Cristo”*, falei que Mateus 24 não ensina sobre o fim do mundo e a Segunda Vinda de Cristo, pelo contrário, o ensino do Senhor ali é sobre a destruição de Jerusalém e seu templo. Em outras palavras, Mateus 24 é sobre *“a vinda de Jesus em julgamento contra Israel”* que ocorreu no primeiro século da era cristã, no ano 70 d.C. mais especificamente.

Seguindo o tema da vinda em julgamento, temos na sequência, no capítulo 25 de Mateus, a parábola das dez virgens e a parábola dos talentos tendo como ápice o Grande Julgamento.

Assim como foi em Mateus 24, aqui também estaremos estudando assuntos relativos ao primeiro século da era cristã. A parábola das dez virgens e a dos talentos, parábolas estas usadas atualmente para aterrorizar os crentes, também tiveram seu cumprimento no primeiro século da era cristã.

Por fim, o Grande Julgamento que muitos pensam se tratar do Juízo Final no último dia, na verdade começou no primeiro século da era cristã e se estende até o último dia na Segunda Vinda de Cristo. Esse é um juízo prolongado na história humana em que seu começo se dá quando Jesus vem como Rei - ainda no primeiro

século – e só terminará quando Ele entregar o reino ao Deus e Pai.

Tenho certeza de que o leitor aprenderá conceitos novos dos quais nunca ouviu falar, conceitos esses que já foram de conhecimento de muitos na história da igreja cristã.

O autor.

As Parábolas...

Muitos pensam que entre os capítulos 24 e 25 de Mateus haja um hiato de tempo de milhares de anos. “Quase todos os expositores supõem que Jerusalém e Israel agora desapareceram totalmente de cena, e que nosso Senhor se refere exclusivamente à consumação final de todas as coisas e o julgamento da raça humana”.¹ Eu também pensava assim. A transição entre os dois capítulos em questão nada mais é que uma separação entre capítulos acrescentada posteriormente, pois no capítulo 25 temos a continuação do tema do capítulo 24 de Mateus.

Porque nosso Senhor mudaria tão bruscamente de assunto com o qual ele e seus discípulos estavam ocupados até então? Porque nosso Senhor partiria do assunto de uma vinda iminente em julgamento contra Jerusalém para um assunto de uma era distante “separado de seu próprio tempo por centenas e milhares de anos? Se fosse assim, poderíamos certamente esperar alguma indicação muito distinta de mudança de assunto. Mas não há absolutamente nenhuma. Pelo contrário, a suposição de um novo tema que está sendo introduzido por essa parábola [das dez virgens] é totalmente proibido pelos termos expressos na qual a parábola abre e fecha”.²

O Senhor abre a parábola das dez virgens com uma nota muito explícita de tempo dizendo “*então, o reino dos céus*” que é o

equivalente a dizer “*naquele momento*” ou “*naquele dia o Reino do Céu será*”. O encerramento da parábola mostra o quão ela estava sendo dirigida para os discípulos:

“Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”.

(Mateus 25:13)

A mesma advertência foi dirigida aos discípulos em Mateus 24:42:

“Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”.

Isto mostra que em ambas as passagens (apenas separadas por capítulos diferentes) a referência é sobre o mesmo evento, isto é, a vinda de Jesus em juízo contra Jerusalém. É lamentável que “há teólogos que tentam encontrar um mistério em cada palavra, ou seja, no número dez, no número cinco, na virgindade, nas lâmpadas, no óleo, etc. [...] Aqui basta notar a grande lição da parábola. É a necessidade de constante prontidão e vigilância para o retorno súbito e rápido do Filho do homem. Falta de vigilância e despreparo envolveria a pena que se abateu sobre as virgens loucas, a exclusão da ceia das bodas do Cordeiro.

Portanto, achamos nesta parábola uma ligação orgânica com todo o discurso anterior de nosso Senhor. Ainda é o mesmo grande tema do qual Ele está falando, ou seja, a consumação que estava para ter lugar dentro dos limites daquela geração existente, e acerca da qual os discípulos expressaram uma ansiedade tão natural”.³

No próximo tópico vou analisar o contexto judaico que permeia toda a parábola das dez virgens, contexto este que prova que a parábola foi dirigida especialmente para aqueles primeiros discípulos de Jesus.

A parábola das dez virgens

“Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo”.

(Mateus 25:1)

Temos nesta parábola a chegada do Reino de Deus. Quem acompanha meus escritos sabe que defendo que o Reino de Deus chegou com poder ainda no primeiro século, na geração dos discípulos. Basta ler os evangelhos para se chegar a esta conclusão. Se não estivermos atentos ao contexto cultural da época, podemos imaginar que Jesus defende aqui uma poligamia. Mas, este não é o caso!

Essas dez virgens não eram recém casadas com o noivo. Elas eram uma espécie de “madrinhas” que acompanhavam o noivo até a noiva. Isto fazia parte do ritual das bodas judaicas. Essas virgens é uma representação do povo judeu. O noivo é Cristo. Além do acompanhamento das virgens o noivo também era assistido por um amigo. João Batista ao pregar para os judeus se apresenta como “amigo do noivo”:

“Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor.

O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim.

Convém que ele cresça e que eu diminua”.

(João 3:28-30)

Muita gente (inclusive eu no passado) confunde as dez virgens com a igreja. Assim como há distinção entre o amigo do noivo e o

próprio noivo, também devemos fazer a distinção entre as dez virgens e a noiva.

De acordo com a cultura daquela época, o protocolo do casamento era que as virgens deveriam sair ao encontro do noivo com as lâmpadas devidamente acesas.



Lâmpada dos tempos bíblicos.

“Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes.

As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas.

E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram.

Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro!

Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.

E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando.

Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o.

E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta.

Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta!

Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.

Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora”.

(Mateus 25:1-13)

A grande lição aqui não é somente sobre a vigilância, mas a prevenção e a prudência. É muito injusto da parte dos pregadores atuais usarem essa parábola para amedrontar os crentes, colocando dúvida sobre a salvação de seus rebanhos, mesmo porque a parábola não refere-se ao nosso tempo, e por outro lado, os cristãos não serão pegos de surpresa na Segunda Vinda de Cristo:

*“Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva;
Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite...”*

“Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão;

Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios;

Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite.

Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação...”

*“Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo,
Que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele”.*

(1ª Tessalonicenses 5:1-2,4-8a, 9-10)

Observe que o caso do cristão verdadeiro é diferente do caso das dez virgens, porque o apóstolo foi muito claro quando disse que *“quer vigiemos, quer durmamos”*, nosso encontro com o Senhor sempre estará garantido.

“Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro!”

Temos nesse grito uma “convocação” para o encontro do noivo. O profeta João Batista foi o último a dar esse grito para o povo judeu. A falta do azeite trouxe a falta de luz e revelação. O povo judeu daquela geração do primeiro século tornou-se endurecido de coração. Não quiseram ouvir o Filho de Deus e posteriormente não quiseram ouvir os apóstolos. O apóstolo Paulo em sua última investida evangelística sentiu na pele a rejeição dos judeus contra o evangelho.

“Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos.

E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse:

Vai a este povo e diz-lhe: De ouvido, ouvireis e não entendereis; vendo, vereis e não perceberéis.

Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados.

Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.

[Ditas estas palavras, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda.]”

(Atos 28:24-29)

Em todo o livro de Atos dos apóstolos é possível ver o cumprimento fiel da parábola das dez virgens. As virgens prudentes eram os judeus que criam:

“Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiam a perseverar na graça de Deus”.

(Atos 13:43)

“Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.

E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando.

Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o.

E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta”.

A essa altura onde poderiam as virgens néscias comprar azeite?

O apóstolo Pedro responde:

“Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração...”.

(2ª Pedro 1:19)

O azeite não poderia ser comprado de terceiros. Teria que ser direto da fonte e a fonte é a palavra de Deus. Pelo fato dos judeus por séculos rejeitarem a palavra, eles foram incapazes de reconhecer e receber o Messias. Quando os judeus “procuraram por Paulo em Roma, queriam um pouco de azeite para suas lâmpadas, mas a porta já se havia fechado. Como disse Jesus, o Reino lhes fora tirado, e entregue a um outro povo, a igreja. Somente os remanescentes “entraram com ele para as bodas”.

Para esse “remanescente”, a porta sempre estará aberta. Como bem afirmou o apóstolo:

“Assim, pois, também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça” (Rm.11:5).⁴

Diante do exposto, podemos afirmar mais uma vez que a parábola das dez virgens fala sobre acontecimentos da geração dos discípulos. Hoje, os cristãos, não fazem mais parte de nenhum dos dois grupos de virgens, nem prudentes e nem néscias, pelo contrário, somos a noiva que se encontrou com o noivo.

A parábola dos talentos

“Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.

A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu.

O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco.

Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois.

Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.

Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles.

Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei.

Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei.

Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

Responden-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeiei e ajunto onde não espalhei?

Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu.

Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez.

Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes”.

(Mateus 25:14-30)

Nesta parábola ainda estamos vendo uma evidente continuação do mesmo assunto. A ideia da parábola anterior era a vigilância, a prevenção e a prudência. Na parábola dos talentos a ideia é a diligência. Nosso Senhor não introduz nenhum novo elemento na parábola dos talentos. Ela é uma parábola simples e de fácil entendimento.

No primeiro século da era cristã houve intensa necessidade de que os discípulos estivessem atentos aos sinais da vinda de Cristo em julgamento contra Israel e Jerusalém. O Senhor foca suas palavras naqueles primeiros discípulos muitos dos quais estariam vivos para ver todos os juízos de Deus contra a nação judaica. Ele chega a dizer enfático para com eles:

“Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.

Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.

Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem”.

(Lucas 21:34-36 – o grifo é meu)

O “*estar em pé na presença do Filho do Homem*” significa estar em pé e inocente na presença de um juiz. Observe que o Senhor pede para que eles orem para “*escapar de todas estas coisas que têm de suceder*”. Não há em vista aqui um milagre de arrebatamento, mas de fuga de uma cidade que estava para ser destruída por um exército invasor. Quem escapou do cerco a Jerusalém foi salvo de todas as calamidades ali acontecidas.

O grande Julgamento

Agora chegamos no ápice deste discurso escatológico. Após todas as tragédias acontecidas na Jerusalém do primeiro século da era cristã, da grande tribulação, dos sinais da destruição total do templo, chegamos ao grande Julgamento. Muita gente pensa que este julgamento é o do último dia. Mas o caso aqui não é o juízo final descrito em Apocalipse 20:11-15. Em Mateus 25 estamos diante de um julgamento prolongado que acontece no decorrer da história humana até atingir seu ponto máximo no dia do Juízo Final. A seguir vou analisar versículo por versículo, lembrando que esse julgamento é uma parábola do reinado e juízo de Cristo na história.

Todas as nações serão reunidas
em sua presença

“Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda...””

(Mateus 25:31-33)

Na Nova Tradução na Linguagem de hoje o versículo 31 começa assim:

“Quando o Filho do Homem vier como Rei...”.

Muita gente pensa que o início desse julgamento se dá na Segunda Vinda de Cristo e a partir daí começa o reino de Deus. No texto acima fala que Ele já vem como Rei.

Sobre isto, na visão de Daniel 7:13-14 diz:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e vi que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a honra e o reino; todos os povos, nações e línguas o adoraram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino o único que não será destruído”.

Nesta passagem o Filho do Homem não está vindo nas nuvens em direção a terra, mas em direção ao Pai (Ancião de Dias). Quando Jesus ascendeu ao céu sendo elevado às alturas conforme Atos 1:9-11, esse foi o momento de sua ascensão e entronização no céu e o cumprimento de Daniel 7:13-14. Assim, Jesus foi entronizado como Rei e todo o poder e autoridade lhe foi dado tanto no céu como na terra. O momento em que Jesus vem como Rei e o seu reino vem com poder é quando Jerusalém é julgada e destruída no ano 70 d.C. (lembrando que alguns discípulos estariam vivos para ver tal acontecimento).

Compare Mateus 16:27-28 com Mateus 25:1 e veja que as palavras são quase que as mesmas:

“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.

Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”.

(o grifo é meu)

“Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória...”.

(o grifo é meu)

Entendido isto, temos que saber que a Segunda Vinda de Cristo (ainda em nosso futuro) ao invés de marcar o início do reino, na verdade, ela marca o dia da entrega desse mesmo reino a Deus e Pai, veja:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte.

Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés. E, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, certamente, exclui aquele que tudo lhe subordinou.

Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos”.

(1ª Coríntios 15:24-28 – o grifo é meu)

Portanto, o grande Julgamento descrito em Mateus 25 marca o início de um julgamento longo e prolongado no decorrer da história que culmina no último dia que será o dia do Juízo Final. Observe que na presença do Rei Jesus são reunidas pessoas das “nações” ainda existentes e não pessoas ressuscitadas sendo

julgadas individualmente. Observe também que nos capítulos de Mateus 24 e 25 em nenhum momento é mencionada uma ressurreição de justos e injustos. Pelo contrário, temos nesses capítulos uma cena de juízo sobre Jerusalém, ainda no primeiro século da era cristã. Israel foi a primeira nação a ser julgada e destruída no ano 70 d.C. Desde então, na humanidade existe uma separação invisível dos “cabritos” e das “ovelhas”.

Em Isaías 2:4 o profeta fala sobre esse julgamento prolongado:

“Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

(o grifo é meu)

Ainda não presenciamos o efeito mais amplo desse julgamento que será no dia em que as nações aposentarão as armas de guerra. Isto se dará à medida em que os povos se converterem a Cristo cumprindo assim o Salmo 22:27-30:

“Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.

Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.

Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.

A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura”.

“A semente de mostarda já foi plantada. O Filho de Deus já estabeleceu Seu Reino entre os homens em Seu primeiro advento. E o fermento já começa a levedar! Estamos vivendo em um período de transição. Em breve, aquela pequena semente terá se espalhado em toda a Terra, e justiça do Reino brotará”.⁵

Vinde, benditos de meu Pai!

*“...então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! **Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo**”.*

(Mateus 25:34 – o grifo é meu)

Aquí temos uma possível alusão a Daniel 7:18 que diz:

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”.

Toda pessoa que crê em Cristo para a salvação recebe em vida o reino de Deus. É o mesmo reino do qual Jesus disse aos escribas e fariseus que não vem *“com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós”*. (Lucas 17:20-21)

Para entrar nesse reino é necessário nascer de novo:

“A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?

Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”.

(João 3:3-5)

Observe que para se entrar nesse reino não é por entrada física, local, ali ou aqui, mas começa dentro de nós através do novo nascimento. Uma vez dentro desse reino, as pessoas *“o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”* significando isto que não é possível um salvo perder a salvação.

As obras dos justos e a resposta do Rei

“Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me.

Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber?

E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos?

E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?

O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

(Mateus 25:35-40)

Muita gente usa esses versículos para sustentar que a salvação é conquistada através de boas obras. O problema é que as pessoas aprendem isso na religião que, por sua vez, não leva em consideração que se alguém faz boas ações é porque **FOI ANTES** agraciado por Deus.

O apóstolo Paulo em Efésios 2:8-9 é muito claro sobre isto:

*“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; **não de obras, para que ninguém se glorie**”.*

(o grifo é meu)

A graça (favor imerecido) de Deus na vida da pessoa faz com que ela tenha uma **FÉ VIVA** e, por isto, suas obras não podem ser mortas:

“Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?

Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?

Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”.

(Tiago 2:14-17)

Portanto, é extremamente absurdo que alguém se imagine capaz de comprar a salvação através da prática de boas ações. As obras devem ser vistas como consequência de uma vida que recebeu a salvação imerecidamente, como se diz em Efésios 2:10:

“Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

Não somos salvos por obras, mas depois de salvos as obras devem ser consequência de uma vida transformada. Para quem ainda se imagina merecedor da vida eterna, reflita sobre a distância entre a nossa finitude e o infinito de Deus. Imagine se as riquezas insondáveis da vida eterna, da eternidade e do infinito, poderiam ser compradas pelos méritos de seres humanos falhos e pecadores? Somente Deus com seus méritos poderia dar o presente da vida eterna aos seres humanos. E Ele fez isto com seus infinitos méritos na Pessoa de Jesus Cristo, nosso Único e Soberano Deus.

“Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber?

E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos?

E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?”

Aqueles que foram salvos pela graça de Deus são tão despreocupados em receber algo em troca ou em garantir um lugar no céu pelas obras, que eles mesmos não se davam conta de terem feito o bem. Ao contrário deles, os presunçosos religiosos vivem contabilizando suas boas ações.

“O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”.

Amar ao próximo fazendo-lhe o bem é o equivalente a fazer ao próprio Deus. Se alguém quiser ver Deus neste mundo, basta olhar para o próximo, mesmo os inimigos.

Temos aqui uma abertura para poder dizer a respeito da salvação dos pagãos que nunca ouviram falar do Nome de Jesus. A palavra é clara quando diz que *“o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus”*. (1ª João 4:7)

Se alguém, em algum lugar, cujo o evangelho ainda não chegou, amou o próximo como a si mesmo, esse indivíduo *“é nascido de Deus e [O] conhece”* ainda que não tenha conhecido seu Nome. Pela graça ele foi salvo mediante a fé. Se alguém dúvida disso veja o que Deus tem feito para os pagãos desde os tempos remotos:

*“Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; **contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria”**.*

(Atos 14:15-17 – o grifo é meu)

*“...de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; **para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós...**”*

(Atos 17:26-27 – o grifo é meu)

Esses versículos mostram que desde os primórdios Deus se revelou a raça humana. Se tem alguém que tem pregado o

evangelho desde Adão e Eva, esse é o próprio Deus. Foi Ele quem fez vestimentas de peles para Adão e Eva. Foi Ele quem tirou Abrão de sua terra pagã. Foi Ele quem enviou Melquisedeque como rei de Salém. O evangelho atualmente tem que ser pregado pela igreja porque visa a conquista das nações através do discipulado, porque as nações serão todas dominadas por Cristo. E esta grande comissão será feita pela igreja. Fora isto, em tempo nenhum Deus teve algum impedimento para salvar quem Ele quis. Para saber mais sobre este assunto sugiro ao leitor a leitura do meu livro *“Como será a Salvação Daqueles que “nunca ouviram” do Evangelho?”*

Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno

“Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me.

E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos?

Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer”.

(Mateus 25:41-45)

Os que se perdem não creram na salvação em Cristo. Por isto não puderam compartilhar dessa graça com o próximo. Não puderam ver Deus através do próximo e, por isto, lhe negaram comida, água, hospedagem, roupas, cura e liberdade. Essas nações reunidas na presença de Cristo desde os tempos do primeiro

século da era cristã, passam por seu juízo e sentença. Por isto, alguns impérios caem, ainda que outros se levantem, cairão também. Mas haverá o dia que todo o poder e nação rebelde estarão adorando a Cristo.

O castigo eterno e a vida eterna

“E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna”.

(Mateus 25:46)

Pelo fato do castigo eterno e a vida eterna aqui estarem **num mesmo contexto**, então, negar que os ímpios terão um castigo eterno (como alguns o fazem), seria também uma negação da vida eterna dos justos. Muita gente acha injusto um castigo eterno, mas devemos lembrar que só existem dois caminhos: o Bem e o Mal. Quem não quiser estar em Cristo estará contra o Bem Maior, e por isto, deve ficar do lado de fora, nas trevas. E ficarão lá até *“enquanto não pagares o último centavo”*. (Mateus 5:26)

A dívida do pecado é impagável. Só Jesus pôde fazer isto na cruz. Os que vão para o castigo eterno terão que pagar por essa dívida, mas nunca conseguirão pagá-la, mesmo porque no inferno não existe arrependimento. Não pense o leitor que quem vai pro inferno estaria arrependido de seus pecados.

“Uma vez perguntaram para o Mestre Eckhart:

“Mestre, o que arde no fundo do inferno?”

Ele respondeu:

“O que arde no fundo do inferno é o NÃO”.⁶

O NÃO é uma recusa total e profunda contra Deus e o seu amor. Leia a parábola do rico e Lázaro em Lucas 16:19-31 e veja

que o rico que estava no inferno em nenhum momento falou em arrependimento, nem clamou a Deus pedindo misericórdia e só procurou por benefícios para si mesmo.

Conclusão

O grande Julgamento deve ser entendido como uma parábola. Ela é uma demonstração do reinado eterno de Cristo e seu juízo e justiça entre os povos. O ponto alto desse reinado será no último dia em que haverá o Juízo Final (Apocalipse 20:11-15). Enquanto aquele dia não chega, as nações estão sendo separadas uma das outras, como *“o pastor separa dos cabritos as ovelhas”*. Através da pregação do evangelho e do discipulado das nações, o destino eterno de cada um fica definido ainda em vida:

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado”.

(Marcos 16:15-16)

Bibliografia

1. E-book: The Parousia
A Careful Look at the New Testament Doctrine
of our Lord's Second Coming,
By James Stuart Russell
Originally digitized by Todd Dennis beginning in 1996
Site: www.preteristarchive.com
Acessado dia 14 de Abril de 2016
2. Idem nº 1.
3. Idem nº 1.
4. Parábola usada para aterrorizar crentes
Autor: Hermes C. Fernandes
Site: www.hermesfernandes.com
5. Um Deus de Transições e não de Rupturas Abruptas
Autor: Hermes C. Fernandes
Fonte: www.hermesfernandes.com
Postado nesse site em 31 de Agosto de 2012
6. Vídeo: O Cristianismo, a Salvação e a Justiça Divina.
Autor: Olavo de Carvalho.

Site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPW2SPaazfc>

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrista.org

